



PELA VIDA DAS MULHERES!

CONTRA O IMPERIALISMO, POR DEMOCRACIA, SOBERANIA E O FIM DA ESCALA 6X1!

Por que vamos às ruas no dia 8 de Março de 2026, Dia Internacional de Luta das Mulheres?

O ano de 2026 começou trazendo à tona os enfrentamentos e denúncias que nós, mulheres, temos articulado. No Brasil e no mundo, estamos na linha de frente contra o avanço do neoliberalismo e do fascismo.

Resistimos às violências direcionadas aos nossos corpos e mentes. Resistimos a um modelo de família patriarcal, racista, heterossexual e cisgênero, que reforça a ideia de que as mulheres devem se subordinar aos homens.

Nos últimos anos, a mobilização das mulheres foi fundamental para enfrentar o bolsonarismo, a direita e extrema direita. Neste ano eleitoral não será diferente. Precisamos de um país cada vez mais justo e solidário, que enfrente as desigualdades.

Nossa organização é fundamental para fazer frente à agenda neoliberal, conservadora e fundamentalista que insiste em beneficiar os mais ricos, enquanto retira nossos direitos e precariza nossas vidas.

Para nós, da **Marcha Mundial das Mulheres (MMM)**, o dia 8 de março é um chamado à organização feminista permanente.

Somos um movimento feminista internacional. Estamos em mais de 60 países, em 5 regiões do mundo. Aqui no Brasil, nos articulamos em 23 estados, com coordenações estaduais, municipais, núcleos e coletivos territoriais.

Acreditamos que a luta feminista se constrói a partir da realidade concreta da vida das mulheres. Nossa estratégia é a auto-organização em todos os lugares onde atuamos. Construimos um feminismo popular em que todas nós somos parte importante, mulheres trabalhadoras, do campo, da cidade, das águas e florestas. Nossa diversidade nos dá força para ser resistência contra as violências do capitalismo racista e patriarcal. Queremos construir alternativas populares que coloquem a vida no centro, e não o lucro. Nosso feminismo anuncia que é possível, sim construir outro mundo para além do controle capitalista da natureza. Para isso, precisamos colocar em prática a reforma agrária popular, a demarcação de terras indígenas e territórios tradicionais, e fortalecer as práticas da economia solidária feminista e da agroecologia.

O 8 de março é um dia histórico de luta das mulheres trabalhadoras. Nessa data, relembramos a ação coletiva das mulheres que, em 1917, iniciaram a Revolução Russa lutando contra a fome e a guerra.

Naquele momento, as mulheres socialistas já entendiam que é preciso lutar por uma transformação completa do mundo. Já denunciavam que o capitalismo é racista, colonialista e patriarcal e, para se expandir pelos territórios, precisa controlar o corpo, o trabalho e os modos de vida das mulheres e dos povos. A resistência coletiva das mulheres atravessa a história na luta por igualdade.

LUTAMOS PELO FIM DA ESCALA 6X1

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO, VALORIZAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO E SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS!

Para as mulheres, a carga de trabalho parece não ter fim. Nosso trabalho sustenta a economia, e sentimos as consequências disso com nosso adoecimento físico e emocional. Também temos os empregos mais precários, com longas jornadas. Queremos mudar o jeito que o trabalho é organizado na sociedade, porque o modelo atual, capitalista neoliberal, coloca o lucro acima da vida.

O fim da escala 6x1 é uma luta feminista. Queremos diminuir a jornada de trabalho sem diminuir os salários. Queremos políticas públicas para dividir a responsabilidade do trabalho doméstico e de cuidados entre todas as pessoas e o Estado. Essa mudança é condição para a igualdade e a democracia. Queremos políticas de reparação para as mulheres negras e indígenas que enfrentem o racismo que estrutura a sociedade brasileira.

Como vamos avançar na conquista de direitos se o Congresso Nacional pressiona por cortes nas políticas sociais? Sob a justificativa mentirosa de corte de gastos, esses representantes atuam para seus próprios interesses. Este ano faremos o enfrentamento nas ruas, redes, roçados e nas urnas!

Precisamos debater os rumos do orçamento público. Sem isso, não há como discutir mais direitos e mais democracia. A resistência do Congresso em taxar os mais ricos enquanto penaliza as pessoas mais pobres com uma carga tributária injusta mostra isso. Quando exigimos políticas para as mulheres, exigimos políticas para o conjunto das mulheres, em toda a sua diversidade, especialmente aquelas que mais enfrentam as desigualdades, pobreza e discriminações.



**QUEREMOS
MUDAR O MUNDO
E A VIDA DAS
MULHERES EM UM
SÓ MOVIMENTO.**





UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES É POSSÍVEL!

Todos os dias, tomamos conhecimento de casos de feminicídios, lesbocídios, transfeminicídios, agressões em locais públicos e privados. Imagens divulgadas em redes e mídias sociais controladas pelas grandes empresas transnacionais naturalizam a violência contra as mulheres. **A violência patriarcal não é um fenômeno isolado, e sim uma ferramenta política de controle territorial e social.**

O aumento da violência contra as mulheres significa um maior controle de nossos corpos e de nossas vidas. Lideranças da direita e extrema-direita no Brasil e no mundo reforçam a ideia de que as mulheres são propriedade dos homens.

Afirmamos: somos mulheres e não mercadoria! Nossa luta por um mundo livre de opressões envolve todas as dimensões da vida das mulheres.

Lutamos por justiça reprodutiva, e por isso defendemos que o aborto seja legal, seguro e gratuito, como um direito fundamental. Defendemos que todas as mulheres e pessoas que gestam tenham autonomia para decidir sobre seus corpos, sem culpa!

Da mesma forma que reivindicamos autonomia de nossas vidas, defendemos os bens comuns, ou seja, tudo que é necessário para garantir que a vida aconteça. Lutamos pela ampliação dos serviços públicos com garantia efetiva do direito à saúde, educação, território, moradia, cultura e lazer, cuidado, alimentação saudável, água, comunicação, energia.

É urgente o fim do genocídio das juventudes negras e periféricas, nas favelas, assentamentos, quilombos e aldeias. Corpos historicamente violentados pelas invasões de seus territórios, pelo racismo estrutural, omissão do Estado e pela criminalização de suas formas de resistência e existência. **Basta de violência policial e de políticas de morte e encarceramento em massa da população negra, empobrecida e dos povos indígenas.**

A nossa resposta feminista é a auto-organização. Quando nos organizamos em coletivos e grupos de mulheres, articuladas com outros movimentos sociais, conseguimos lutar com mais força por um mundo livre de violências.

MULHERES LIVRES, POVOS SOBERANOS! CHEGA DE IMPERIALISMO!

Vivemos um contexto internacional de ofensiva imperialista, especialmente na América Latina e no Caribe. Isso se expressa no ataque dos Estados Unidos à Venezuela, que deixou mais de 40 pessoas mortas e sequestrou o presidente Nicolás Maduro e a deputada Cilia Flores. Contra Cuba, aprofundam o bloqueio econômico que existe desde 1959, ameaçando qualquer nação que envie petróleo para a ilha.

Dentro dos Estados Unidos, o povo sofre com o racismo e a violência da polícia antimigração, o ICE. Na Palestina, o povo sofre um genocídio pelo exército de Israel, que é apoiado pelos Estados Unidos e sua indústria de armas. **Diante de sua decadência, o império reforça sua economia de guerra.**



SEGUIREMOS EM MARCHA

ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

Quer se organizar
com a gente?
Entre em contato!



@marchamulheres



@marchamundialdasmulheresbrasil



@MarchaMundialdasMulheres

Site: marchamundialdasmulheres.org.br

E-mail: marchamulheres@sof.org.br

Crédito das fotos: Noelly Castro e Nívea Magno



O imperialismo também está na presença das empresas transnacionais que invadem territórios e comunidades para explorar os nossos bens comuns e destruir a identidade dos povos.

As empresas transnacionais de tecnologia dos Estados Unidos (chamadas de Big Techs) são donas das plataformas de redes sociais digitais por onde passa toda nossa comunicação. Elas usam essa infraestrutura para aumentar a propagação da extrema direita, do conservadorismo, do racismo e da misoginia aqui no Brasil.

As tentativas de privatizar empresas públicas e de bens comuns como a água e a energia são outras estratégias do imperialismo. Tentam, com isso, roubar nossos territórios, explorar a natureza e nosso trabalho. Os grandes complexos de energia eólica e solar também são exemplos: as empresas fazem propaganda como se essas energias fossem “limpas”, porém sabemos que tiram as pessoas de suas comunidades para sua instalação e não vemos essa produção de energia diminuindo as contas do povo.

Na atual conjuntura, o império estadunidense se alinha cada dia mais ao fascismo que tem se reorganizado por todo o mundo. Nós, mulheres, sentimos esses impactos de forma cada vez mais violenta e sistemática. Somos alvo central de um sistema que nos elege como inimigas para impor mais controle e disciplina a nossos corpos e trabalhos.

No Brasil, vivemos um ano decisivo: não podemos deixar a extrema direita entrar no poder novamente. Por isso, precisamos estar nas ruas no 8 de março e todos os outros dias, defendendo a soberania dos povos e a construção de um país solidário e livre de desigualdades. Isso significa defender os bens comuns, criar e garantir políticas públicas e direitos sociais para que as condições dignas de vida não sejam apenas para quem pode pagar por elas.

Enfrentamos a lógica que transforma tudo em mercadoria — inclusive o trabalho, o tempo e os cuidados — e reafirmamos a autodeterminação dos povos. Por isso seguimos em permanente solidariedade feminista internacional: **Fora Trump da América Latina e do Caribe! Seguiremos em marcha, até que todas sejamos livres!**

